



C A P Í T U L O 4

MÚSICA E EDUCAÇÃO - EXPERIÊNCIAS DE ATELIÊS MUSICAIS

Deise Priscila Delagnolo

RESUMO: Este trabalho engendra-se na articulação entre a clínica psicológica referenciada na psicanálise freudiano-lacanianiana e a educação musical, tendo como objetivo a utilização da música como meio de imersão de experimentos simbólicos. Os objetivos subsidiaram-se na revisão de produções acerca da utilização da música em ateliês clínico-educativos (articulação do autor), pois entende-se que onde há uma aposta no sujeito existe uma indissociabilidade contextual, ou seja, clínica e educação musical. Pretende-se ao longo do texto revistar estes ateliês, bem como a música como marco fundante na estruturação psíquica do sujeito e apresentar ao leitor experiência realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE do Estado de Santa Catarina. Ao longo do percurso pode-se compreender que as intervenções com sujeitos autistas demanda a produção do laço e de um extenso encadeamento de investidas do clínico e do educador, entendendo o caráter indissociável da práxis. Por fim, entende-se que para haver a imersão na educação musical, é preciso sair do fazer homogêneo para abrir espaço a potência do sujeito, dito de outra forma, que este possa experienciar a música ao seu modo, sem que esta seja uma linguagem dada a ser apreendida, mas sim um espaço de potência criativa.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica; Educação; Psicanálise; Educação Musical; Ateliê criativo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se como um caminho de apostas. Apostas estas que advém do desejo de articular a clínica psicológica e a educação musical em um encadeamento de imersão simbólica a sujeitos com autismo. Diz-se aposta, pois ao trabalharmos com sujeitos que se encontram estigmatizados, marginalizados, aparentemente presos em diagnósticos de autismo (ou outros), tensionamos a clínica e a educação em direção a movimentos atrelados à pulsão de vida, contrariando assim a lógica de um fazer universalizante em relação ao autismo, dito de outro modo, aposta-se em uma clínica e uma educação referenciados na criatividade e na aposta do advir do sujeito criativo.

O conceito de criatividade é tomado a partir das contribuições de Winnicott (1975) acerca do brincar enquanto movimento de produção simbólica, o brincar enquanto movimento de investimento e aposta no sujeito, para tanto, conjuga-se o brincar com objetos sonoros. As revisões narrativas acerca do autismo, sobretudo aquelas oriundas dos contextos educacionais e cientificistas marcam um engessamento diante do advir, uma aposta no sujeito: poder ser, poder fazer, poder criar, portanto, tecemos o presente relato de experiência que se engendra em investimentos e imersões que apostam no sujeito e na criatividade enquanto apropriação simbólica.

Para tanto, a temática desta pesquisa debruça-se em um relato de experiência desenvolvido em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE no Estado de Santa Catarina, onde o encontro com o autismo e suas especificidades foram tomados como potências e não engessamentos, vislumbrando ateliês de fazeres possíveis, onde o fazer possível se torna o encanto da clínica e da educação musical.

As articulações entre música, linguagem, estruturação psíquica e apostas educativas permeiam os estudos desenvolvidos no âmbito das contribuições da psicanálise freudiana-lacaniana e do psicanalista Alain Didier-Weill (psiquiatra e psicanalista francês 1939-2018). Referencia-se este relato de experiência em autores que desenvolveram experiências clínico-pedagógicas ao trabalharem com o autismo e referenciais da psicanálise com a música que nos auxiliam a subsidiar um lugar para a música e para o autismo na cena da educação e da clínica. (Levin, 2005; Winnicott, 1971; Didier-Weill, 1993).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento das articulações teóricas, foram revisados artigos que versam sobre o fazer musical enquanto instrumento de intervenção clínico-pedagógica, bem como a articulação de um relato de experiência institucional que foi subsidiado na construção de ateliês criativos mediante a utilização da música na intervenção em sujeitos com autismo.

Com o intuito de abarcar a práxis musical na intervenção com sujeitos autistas elenca-se a periodicidade de produções entre os anos de 2017 e 2023, nas bases de dados Scielo e CAPES onde destacam-se distintos fazeres da clínica e da educação com crianças autistas.

O fator estruturação psíquica foi tomado como recorte de relevância para compreensão da construção de uma linguagem na constituição do sujeito.

O estudo tomou as seguintes palavras como descritoras de exploração e análise: psicanálise e autismo; psicanálise e música, psicanálise e educação musical tendo tomado como recorte referencial as pesquisas realizadas no âmbito da práxis clínica e pedagógica.

A MÚSICA ENQUANTO SIGNIFICANTE DE IMERSÃO SIMBÓLICA

A música caracteriza-se como um meio vigoroso no manejo da clínica e da educação com autistas. Esta contribui desde uma ética que aposta na possibilidade de criação e imersão no universo simbólico pelo sujeito, desde a mediação com um Outro que seja semblante, que adentre em uma cena, tal qual as teorizações de Levin (2005) acerca da clínica e educação com as crianças do Outro espelho.

Para o autor há que se fazer Outro na cena de intervenções com o autismo, um Outro que seja semblante de um desejo que está por vir, um Outro que envolva seu corpo, sua palavra, seu olhar na cena da educação e da clínica.

Viana, Pierri (2020) contribuindo com reflexões acerca da música na estruturação do sujeito a nomeiam como um meio enunciativo indireto, onde paradoxalmente se faz uma proteção necessária à angústia ao objeto Outro, ela também empresta pela via da voz e dos ecos instrumentais que uma palavra seja dita, ou seja, melodicamente, imaginariamente, uma cena, onde através dos sons se possa falar algo de si, no âmbito de um movimento de simbolização.

Santos (2021) discorrendo sobre as possibilidades de uma clínica e educação com o autismo através da musicalidade, partindo da teoria da linguagem da psicanálise, focou na condição autística em suas particularidades de relação com o significante e sobre a musicalidade na constituição do sujeito no meio sonoro. Os resultados demonstraram que seria possível trabalhar a musicalidade como forma linguageira privilegiada, para formar uma ligação com o sujeito autista. Logo, pela música seria possível edificar um discurso de enunciação sem enunciado, isto é, que não necessariamente aborde a lógica de significação, e que ainda se registra no campo social como uma forma autêntica de linguagem, de interação social.

Essas considerações dialogam com que abordam Viana, Pierri (2020) quando tratam a música como uma primeira dimensão de inscrição psíquica tendo como marco o que denominam de voz primordial, aquela presente nas falas da mãe que produzem significados aos primeiros gestos e balbucios, melhor dizendo há neste gesto a constituição de uma fala, uma canção do desejo sobre esse corpo. Ao cantarolar sob um balbucio do pequeno infans a mãe produz em seu corpo marcas simbólicas, saindo então de uma marca somática para a passagem em um registro no âmbito do psiquismo. Pois ali onde não há “nada” é necessário que haja uma aposta, um desejo, uma significação, a qual faz marcas de registro da fala, da fala do desejo desta mãe sobre o infans. A partir desta passagem pode-se dizer que o bebê pode perpassar sob um processo de constituição da fala, de marcas interpretativas deste desejo, onde poder-se-ia dizer um cantarolar de si no mundo sob um encadeamento significativo.

Cabe-nos ressaltar que para falar da música e sua relação com a estruturação psíquica faz-se primordial compreendermos as relações entre significados e significantes, os quais escolhemos as categorias enunciadas por Ferdinand Saussure em seus estudos sobre linguística.

Para o autor a língua é composta por um sistema de signos linguísticos que juntos desencadeiam imagens acústicas, estas são divididas em suas elaborações em significados e significantes. Desta forma, os signos são constituídos em uma articulação entre significantes e significados, estando relacionados em uma dinâmica entre imagem acústica (significante) e conceito (significado) (Pontes; Calazanas, 2017).

Ao observarmos os gestos estereotipados em bebês e crianças autistas percebemos a importância do manejo da música (significante) no processo de significação da linguagem em jogos que compõe a própria aposta no desenvolvimento do sujeito, deste modo salientamos o conceito de lalingua utilizado por Lacan para se referenciar a linguagem materna que encobre o sujeito. Dito isto, os jogos que compõe a musicalidade apostam em um meio onde a linguagem possa encobrir o sujeito e possibilitá-lo desde outro lugar seu advento na linguagem (Viana et al., 2017).

Lalíngua, termo inventado por Lacan, conjuga a “língua” com a “lalação” que se refere àquela forma de falar do bebê (aproximadamente entre 1 ano e 2 anos e meio) que parece uma língua própria antes mesmo da aquisição da fala propriamente dita, ou seja, antes mesmo da articulação significante. Cada ser humano, como ser falante, nasce e cresce recebendo a chuva – de pequenas gotas até enxurradas – da língua em que nasce, e vai dela se apropriando e constituindo a sua língua começando pela lalação onde a musicalidade com seu ritmo, cadências, entonações, graves e agudos permite à criança expressar seus desejos e afetos – do júbilo ao ódio, da tristeza à exaltação. (Quinet, p.8, 2012)

Para tanto, trazendo a clínica e a educação para o âmbito musical (Viana et al., 2017) nos mostram as conceituações de Alain Didier-Weill (psiquiatra e psicanalista francês 1939-2018) que trabalha sob a ótica de que uma nota musical não pode ser substituída, ela é ela própria, colocando o sujeito em um puro real, tendo então a música um lugar de colocar o sujeito em um efeito mítico de recomeço, no real, em um reconstituir-se desde outra linguagem.

Em um recomeço onde as letras se recompõem, produzem um advir sonoro, uma linguagem que é mediada pelo “terapeuta” “educador” fazendo-se espelho sonoro, enodando o sujeito em um outras letras (sons, notas) fazendo surgir, fazendo emergir.

Estudos relacionados as manifestações das ecolalias em crianças constituem-se como fundantes para compreendermos a clínica e a educação com crianças autistas mediada pela utilização da música como objeto significante. Para tanto, De Carvalho e De Melo (2018) nos mostram que esta manifestação advém de uma repetição discursiva do campo do Outro, por tanto sem um gesto estruturado em uma linguagem de significação singular.

Contudo, partindo do suposto de que a criança autista estaria em um aprisionamento aos sons advindos da voz do Outro, impondo-nos impasses subjetivos e da própria constituição psíquica, ela também se revela como um meio para movimentar uma saída desta rede discursiva a qual revelar-nos-ia um sem sentido. Denomina-se deste modo, pois não haveria em encadeamento significativo, de apropriação do objeto e por si uma abertura a constituição simbólica, por mais sutil que seja.

De Carvalho e De Melo (2018) nos trazem extensas contribuições acerca das relações do autismo com a linguagem, considerando um embate entre corpo e linguagem. Dito de outra maneira, estaria mediante ao corpo que recusa a linguagem, porém salientando esta recusa como advinda do Outro, em uma recusa especular. Melhor dizendo, um afastamento da sonoridade da voz deste Outro que de alguma forma se ausentou em um marco fundante da constituição psíquica desde sujeito. Salienta-se que mesmo traçando estas conceituações respeita-se o lugar deste Outro e sua ordem discursiva, seu lugar enquanto sujeito, assim não pretende-se tecer nenhuma espécie de julgamento desta relação que por algum motivo ético (da ordem do desejo) se fez fundante.

Importante então na clínica e na educação com a sonoridade, porque não da música, entendendo as ecolalias como aberturas para produções musicais salientar que a rede discursiva deste Outro que não entra e/ou se repete em um sem sentido no ordenamento Real, pensar a abertura que ela nos oferece enquanto discurso à produzir, como elemento significativo.

A utilização da música enquanto mediadora nesta práxis, demonstra através dos materiais analisados uma forma de movimentar a linguagem, a comunicação e fundamentalmente a invenção de si nos espaços duais que a mesma possibilita aos sujeitos. Diversas são as formas, sendo elas mediadas pelo manuseio de instrumentos musicais, abertura de cenas teatrais, utilização do corpo, de tal modo que esta sirva como um meio para o desenvolvimento de distintas expressões e habilidades, sendo elas motoras, cognitivas, linguísticas (Matos; Fávero, 2023).

Para tanto, optou-se por trazer recortes de ateliês da utilização da música na intervenção e educação com sujeitos autistas, os quais emergem como experiências de encontros musicais possíveis ao universo autista e demonstram o que afirmou-se anteriormente, que a música pode ser uma letra de aberturas, ou melhor, uma nota.

Estela, um caso apresentado por Lucéro et al., (2021) nos mostra o poder da criatividade e da música e os aspectos minuciosos da práxis com autistas. Neste caso a retenção da atenção estava em colas, as quais eram enfileiradas em um movimento estereotipado do caso. Aos poucos, através da utilização de canções, as colas passavam a serem objetos animados à Stela, pois ao utilizarem-se de desenhos as analistas ecoavam canções, na qual Estela em determinado momento sai de seu lugar e emite um miiau, com referência ao significativo da canção Atirei o Pau no Gato.

O intuito das analistas no caso de Estela era utilizar-se do interesse por música demonstrado pela paciente em adaptações no ambiente. Produzia-se assim pequenos deslocamentos e aberturas imaginárias através da utilização de canções mediante distintos objetos.

Outra intervenção que apresentou os aspectos dos movimentos musicais nas intervenções clínicas com o autismo foi apresentada por Sousa, et al., (2017) os quais desenvolveram um ateliê musical com crianças autistas (típicas e atípicas), compondo uma equipe multiprofissional, sendo: psicólogos, psicanalistas, uma professora de música e fonoaudióloga. Nestes ateliês eram cantadas músicas escolhidas através das entrevistas com os pais, sendo 10 referenciadas nos apontamentos dos familiares e outra que a equipe denominou de música-surpresa. O ateliê produzia aberturas para a dança, manuseio de instrumentos, em suma uma abertura de lugares para o autista, uma saída do si mesmo.

A música possui características enriquecedoras para a abertura em casos de autismo. Diz-se isto, pois conforme discorrem Sousa, et al (2017) esta aloca-se em traços que fazem referência à parentalidade e ao estrangeiro. Ou seja, coloca o sujeito em um além de sentidos, onde os significantes enriquecem-se justamente por uma certa nulidade de significados, melhor dizendo não há como saber o que será capturado neste movimento onde a linguagem captura algo já dado que à nós não é conhecido para um espaço de criação significante.

Gabriel participou dos ateliês musicais, fez um laço primeiro com a flauta, não interagindo com o grupo, porém fazendo movimentos de girar e cantando a seu modo. Somente algumas músicas capturaram Gabriel, sendo importante salientar que o ateliê atentava à aspectos musicais como: som e silêncio, timbres (canções que faziam maior referência ao ninar ecoando isto na voz). Dito de outro modo, colocando na música o movimento de presença e ausência, o qual constitui-se como fundamental para a abertura do cenário da construção da inventividade autista (Souza, 2017).

Gabriel oscilava seus interesses durante os ateliês. Em determinados momentos isolava-se dos trabalhos, enquanto em outros demonstrava imenso interesse pelas atividades, demonstrando gestos de alegria e euforia. A troca de instrumentos musicais que acontecia nos ateliês ocorria em gestos compulsivos, demonstrando interesse apenas por um objeto, a flauta (Souza, 2017).

Todavia, mesmo Gabriel apresentando inúmeras recusas de inserção nas atividades, pareceu imergir enquanto primeira pessoa no momento em que o silêncio era invocado em determinada canção (ingressando na roda), fazendo assim referência a importância da alternância dos espaços de presença e ausência, ou seja, foi no silêncio, entre um som e outro que Gabriel se apresentou (Souza, 2017).

Cirigliano (2019) trabalhando com a musicoterapia em casos de autismo remonta o pressuposto da música enquanto linguagem, deste modo, enfatizando-a como forma de tratamento para autistas. Lembra que ao tecermos articulações entre música (linguagem) e psicanálise estamos diante da produção de algo da singularidade do sujeito, visto que enquanto objeto mediador produz uma lacuna, lacuna esta que abre espaço para a produção imaginária, dito de outro modo, para o despertar do sujeito e sua singularidade.

Indagação comumente para àqueles que se debruçam a estudarem o universo autista perpassa ao manejarmos a música enquanto objeto de criação, pergunta que nos toca: Como alcançar uma criança autista? Como fazê-la adentrar em um universo metafórico? Tomaria a liberdade e audácia de responder esta angústia: ao deixá-los capturarem o que lhes toca a alma.

Cirigliano (2019) em seus estudos acerca de musicoterapia traz à tona o conceito de musicalidade clínica onde estaria à dispor dos terapeutas a escuta dos elementos musicais apresentados pelo paciente. Dito de outra maneira, no manejo do que a música pode tocar e fazer-se tocar, indagando-se: O que neste paciente toca e ecoa? Altura? Intensidade? Timbre? Letra? Andamento? Compasso?

Para tanto trazemos outro recorte clínico que demonstra a potência da música no atendimento de crianças autistas, lembrando que não se trata em nenhum momento de alcançar os objetivos do fazer musical enquanto Arte estabelecida nos dicionários acadêmicos e eruditos, pelo contrário, trata-se de tecermos ecos imaginários para a abertura de um espaço de invenção de si através dos elementos da música.

Relatos e recortes do paciente R. demonstram o poder da música, mas também a cautela que devemos ter ao mediarmos os objetos musicais com crianças autistas, pois assim como qualquer objeto a Arte-Musical também pode ecoar como uma invasora, como um lugar de “incapacidade” de produção subjetiva, deste modo as terapeutas utilizam-se da história pregressa do paciente para estruturarem o objeto de modo que este não invada a singularidade do universo autista (Cirigliano, 2019).

Recortamos a utilização do violão nas sessões onde R. através das cordas e da formação das notas com seus intervalos produzia sílabas. A canção do violão, assim foi o manejo do trabalho. Evocou-se as notas (si-mi-mi-mi-mi-si-si), cantando violão canta uma canção para mim, R. adentrou na cena e evocou um Oi (Cirigliano, 2019).

Um conceito fundamental para atravessarmos as considerações acerca da utilização da música em casos de autismo é o de pulsão invocante o qual foi explorando por Lacan como uma pulsão aliada a pulsão escópica, tendo a voz como objeto, cumprindo função na constituição de determinação do sujeito, dito de outra maneira, é através dos olhares, balbucios e cantarolares da mãe que o bebê aliena-se à mesma e ao mesmo tempo escapa para uma produção de si através das invocações sonoras.

No que tange à pulsão invocante, temos os três tempos: o ativo, o passivo e o reflexivo – respectivamente, escutar/ ouvir, ser escutado/ouvido e se fazer escutar/ouvir. Aqui começam algumas diferenças da pulsão invocante em relação às outras pulsões, pois, se as pulsões orais, anais e escópicas possuem uma única zona erógena, na pulsão invocante temos duas zonas erógenas: o ouvido e a boca. Desse modo, os três tempos da pulsão se aplicam tanto ao escutar/ouvir, ser escutado/ouvido e se fazer escutar/ouvir, como também àquele referente à boca como zona erógena: chamar, ser chamado, se fazer chamar. O fato de haver duas bordas erógenas e não somente uma implica na presença do Outro, pois justamente se o sujeito fala, emite uma voz, ainda que seja um grito, isso está endereçado a alguém, diferentemente do olhar, por exemplo, em que alguém pode simplesmente olhar para algo, contemplar uma paisagem ou alguma coisa que está à sua frente. A voz porta esse endereçamento ao Outro, e, para a psicanálise, isso tem um valor clínico muito importante, na medida em que nossa prática se desenrola a partir de um sujeito que nos dá sua voz, nos endereça alguma forma de chamado. Então, essas duas zonas erógenas (a boca e o ouvido) implicam a presença do sujeito e do Outro [...] (Maliska, p.48, 2022).

Corroborando com os estudos de Freud acerca do movimento pulsional invocante, o psicanalista francês Alain Didier-Weill trabalha com o conceito de nota azul, o qual constitui-se como mola propulsora para o advir do sujeito na mediação da linguagem musical. A nota azul é explorada por Didier-Weill como um tempo subjetivante de explosão dos sentidos, uma ruptura temporal, não sendo previsível em sua relação com o sujeito, caracteriza-se como um elemento surpresa que posiciona o sujeito em uma experiência estética de *sí*, de criação de *sí* no mundo, por isso Didier Weill posiciona o conceito com o do brincar, movimento no qual a invenção de *sí* surge como objetivo.

Para tanto a aposta da nota azul e dos elementos do brincar na intervenção com sujeitos com autismo toma proporções imaginárias e de ganhos para o desenvolvimento do sujeito. Pois é na relação com este elemento que toca por dentro e por fora faz emergir como uma produção imaginária de *sí* no mundo, um existir para além do espelho.

Por fim, sustentando a aposta de uma clínica e educação mediadas pela Arte-Musical, trazemos o trabalho realizado por Àvila (2018) no Instituto de Psicologia da USP que se utilizou em sua pesquisa de oficinas denominadas de fazer música. Nas oficinas foram utilizados distintos instrumentos musicais, tais como: tambores, xilofone, chocalhos, flautas e apitos variados.

Eram tocadas canções nas oficinas onde cada um escolhia um instrumento e se apresentava, tendo como princípio a improvisação, esta compreendida como um procedimento onde o sujeito pode elaborar através de gestos, toques instrumentais, vocalizações, ou seja, qualquer forma que se utilize da música como mediadora da expressão de *sí*.

As canções eram utilizadas por meio da recriação musical onde primeiramente utilizava-se de canções do folclore infantil, repertórios contemporâneos (incluindo personagens de desenhos animados e programas de televisão). Por fim, utilizou-se de modelos improvisados, onde a criação do ritmo, melodia e harmonia eram dados pelo paciente e o terapeuta, ou seja, construídas transferencialmente.

Percebeu-se através do estudo que crianças com dificuldade de interação social faziam laço com o objeto musical e através deste podiam expressar-se e fazer vínculo com outros, de tal modo que pode-se perceber a Arte-musical como um objeto extensivo do eu que possibilita expressão e laço, adquire lugar de objeto sem caracterizar-se como intrusivo, pelo contrário.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A narrativa tecida neste trabalho advém de uma experiência institucional no estado de Santa Catarina e integra o fazer clínico-educativo vislumbrando nas revisões teóricas articuladas anteriormente, dito de outro modo, faz-se ponte da experiência de outros para uma construção singular.

Foram realizadas oficinas de Arte com utilização da música mediante a observação das demandas de sujeitos com autismo.

Em um primeiro momento houve a necessidade de ressignificar a prática, visto a impossibilidade de adequação normativa do ensino musical mediante o que se encontrava nos sujeitos, dito de outro modo, não era possível ensinar a tocar xilofone, cantar em rodas organizadas, mas mediante revisão de autores que sustentaram a prática (Levin, 2005; Winnicott, 1971), bem como as narrativas apresentadas anteriormente, foi possível movimentar a intervenção mediante a produção de cenários, do brincar e de uma produção de si singular, onde o desejo era que algo pudesse ecoar mediante as imersões em simbolismos musicais.

Desde o início da práxis tocou a atenção os atos estereotipados apresentados no autismo, onde os movimentos repetitivos ecoaram como uma mola propulsora das intervenções.

O sujeito em questão passa a aula de Artes batendo sobre a mesa, indagava-me? Como chegar neste sujeito? Seria possível que estas estereotipias de alguma forma se transformassem em ritmos? O que poderia surgir? Não sabia, apenas utilizava o violão, apresentava chocalhos, cantava, aproximava-se, “algumas” vezes os chocalhos eram arremessados, deixava que o sujeito fosse, ao seu modo, mas continuava. Ao longo do percurso fui percebendo que o objeto não era mais arremessado, já tinha algum ganho, minha presença de algum modo já era suportada.

Essa presença suportada é teorizada em psicanálise como um difícil encontro entre o Outro e o sujeito com autismo, porém em distintas investidas, respeitando o lugar que este toma em seus atos, mesmo que “nada” surja, sustenta-se o desejo, o desejo de estar, de poder movimentar algo que a priori não se sabe, mas entende-se como fundamental para que algo de simbólico adentre em um universo que se estrutura entre o real e o imaginário (Ferreira e Vorcaro, 2017).

Entre o real e o imaginário há um sujeito que é investido desde um lugar onde a música possa ser uma linguagem outra, um momento de aproximação simbólica, esta linguagem que não se pretende ensinar a música como um lugar de um fazer estereotipada na linguagem heterogênea, mas que algo possa ser experienciado, e foi possível.

Neste ponto de interlocução entre a educação musical e a clínica as tecituras de Alain Didier-Weill tornam-se referenciais, pois para o autor a música constitui-se como uma linguagem outra de um recomeço, de um encontro com o real e uma outra língua. Neste movimento poderíamos entender uma linguagem distinta daquela que o sujeito tem experimentado desde o seu nascimento. É uma aposta, é uma criação, é um lugar de não saber para produzir algo que não se sabe, mas que se entende como simbólico.

Quando o sujeito em questão pega o chocalho e por segundos bate na mesa ele produz algo, algo do sonoro, algo da apropriação de uma presença, de uma experiência, algo que não se pretende olhar como um ensino musical, mas como uma experimentação simbólica, esta mediada pela música.

Entende-se desde a teorização da psicanálise que a aposta no sujeito encarnada pelo Outro educador, pelo Outro clínico constituem-se como fundantes de uma ética, a do desejo, o desejo que algo surja, neste caso que algo de apropriação simbólica seja experienciado, e foi.

Cabe salientar que as investidas na educação de crianças com autismo são complexas, que o desejo do educador é onde se sustenta a prática, que não se pretende curar, almeja-se o experimento, não se pretende olhar para a criança autista e desenhar a priori que emergja um sujeito que se adeque a linguagem universal, mas sim um sujeito que cria no espaço potencial que o educador possibilita.

Este espaço potencial é discutido por Winnicott (1971), o qual trabalha com o conceito de criatividade através do brincar, para este autor, mesmo que não tenha trabalhado com crianças autistas, é no brincar que emerge o sujeito, na criatividade, para tanto amplia-se este conceito na educação e na clínica com crianças autistas.

O sujeito o qual relato esta experiência não se transformou em um ritmo das músicas que tocavam-se nos ateliês musicais, mas pode de alguma forma adentrar em um cenário outro, uma cena onde a música e seus simbolismos o chegam, este foi o objetivo da educação musical com essas crianças.

Educa-se para a experiência, experencia-se o desejo de que algo se torne uma potência para o sujeito, esta é uma educação outra, uma linguagem outra, um possível ao seu modo, sem expectativas, mas com desejo, onde o educador à todo tempo experencia suas próprias faltas, seus próprios fracassos, mas entende que em algum momento algo que ele não sabe pode vir a surgir.

É denso, mas é encantador!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta trajetória com o autismo e suas especificidades, percebeu-se embates epistemológicos, os quais referenciam-se principalmente na designação de um lugar discursivo para estes sujeitos, dito de outra forma, um embate em questões das teorias da linguagem e da conceituação de sujeito.

Considera-se que a práxis e a criação de espaços onde o sujeito possa ser ao seu modo, onde as imersões em simbolismos outros se revelam como potência ao sujeito, onde os tensionamentos epistemológicos não adentram enquanto questão neste estudo, pois entende-se a aposta como mola propulsora da intervenção e potencial à criatividade.

Experiências de ateliês com autistas se tornam espaços em potência, espaços de inclusão, de criação, mesmo que a relação com o não saber nos toque o tempo todo, parece que esta é a questão, ao não saber apostamos que algo surja e não somos nós quem dizemos o que está por vir, apenas apresentamos uma linguagem outra, uma linguagem advinda das artes, da música, um espaço criativo para um sujeito que irá produzir, se produzir, algo ao seu modo!

REFERÊNCIAS

CIRIGLIANO, Márcia Maria da Silva. Uma pontuação possível aos discursos sobre o autismo: a voz no autista-interloquções entre análise de discurso, psicanálise e musicoterapia. Tese (Doutorado em estudos da linguagem) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro, 2019.

DE CARVALHO, Gloria Maria Monteiro; DE MELO, Maria de Fátima Vilar. Ecolalia e música: a linguagem no autismo. **Revista do GEL**, v. 15, n. 1, p. 63-84, 2018.

FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: Diálogo com múltiplas experiências**. Autêntica, 2017

LEVIN, Esteban. **Clínica e educação com as crianças do outro espelho**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MALISKA, Maurício Eugênio. Destinos da pulsão invocante na direção da análise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 25, p. 47-53, 2022

MATOS, Graciela C.; FÁVERO, Cristina H. A música na sala de aula e seus benefícios no processo de aprendizagem das crianças autistas. In: OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar B.; FRANCO, Anderson E. R.; LEITE, Maria A. (orgs.). Formação de professores(as), Universidade e Educação Básica: contribuições para as (trans)formações no ensino. Itapiranga: Schreiben, 2023, v. 2, p. 162-171.

SANTOS, Bruno Gonçalves dos. Música e experiência psíquica: ressonâncias entre autismo e laço social. Tese (Doutorado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2021.

VIANA, Beatriz Alves et al. A dimensão musical de lalíngua e seus efeitos na prática com crianças autistas. **Psicologia USP**, v. 28, p. 337-345, 2017.

VIANA, Beatriz Alves; PIERI, Luciana Carvalho. Articulações entre psicanálise e música: a presença da voz na constituição do sujeito. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 18, n. 1, p. 97-113, 2020.

QUINET, Antônio. Psicanálise e música: reflexões sobre o inconsciente equívoco. **Música e Linguagem-Revista do Curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo**, v. 1, n. 1, 2012

WINNICOTT, D, W. **O brincar e a realidade. Imago**. Rio de Janeiro. 1975.